



OS PRÓDROMOS DO NEORREGIONALISMO LITERÁRIO BRASILEIRO A PARTIR DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* DE GUIMARÃES ROSA



HERASMO BRAGA DE OLIVEIRA BRITO

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 01/12/2020 • APROVADO EM 07/12/2020

Resumo

Não é de hoje que os estudos literários se inquietam com o regionalismo literário e com as produções de Guimarães Rosa. Se em relação ao primeiro temos as mais diferentes concepções favoráveis e também de condenação, na literatura Roseana, apesar do reconhecimento e dos elogios, ainda paira a não compreensão e certa dificuldade em se buscar uma linha interpretativa que se possa assegurar alguma padronização estetizante no âmbito de tendência literária. Sendo assim, o viés de problematização de alguns excertos de ideias no decorrer destas linhas, consiste na tese de **Grande Sertão Veredas**, de Guimarães Rosa, constituir uma das primeiras manifestações de caracterização do Neorregionalismo Literário Brasileiro, tendência forte esta da Literatura Contemporânea consolidada a partir dos anos 60 do século XX e que perpetua até hoje através de autores como Assis Brasil, Raimundo Carrero, Ronaldo Correia de Brito, Francisco Dantas, Maria Valéria Rezende, Milton Hatoum, entre outros.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Grande sertão: veredas. Neorregionalism. Brazilian literature.

PALAVRAS-CHAVE: Grande sertão: veredas. Neorregionalismo. Literatura brasileira.

1 INTRODUÇÃO

Não é de hoje que os estudos literários se inquietam com o regionalismo literário e com as produções de Guimarães Rosa. Se em relação ao primeiro temos as mais diferentes concepções favoráveis e também de condenação, na literatura Roseana, apesar do reconhecimento e dos elogios, ainda paira a não compreensão e certa dificuldade em se buscar uma linha interpretativa que se possa assegurar alguma padronização estetizante no âmbito de tendência literária. Sendo assim, o viés de problematização de alguns excertos de ideias no decorrer destas linhas, consiste na tese de **Grande sertão: veredas**, de Guimarães Rosa, constituir uma das primeiras manifestações de caracterização do Neorregionalismo Literário Brasileiro, tendência forte esta da Literatura Contemporânea consolidada a partir dos anos 60 do século XX e que perpetua até hoje através de autores como Assis Brasil, Raimundo Carrero, Ronaldo Correia de Brito, Francisco Dantas, Maria Valéria Rezende, Milton Hatoum, entre outros.

As principais características deste Neorregionalismo que iremos nos aprofundar mais adiante são: a presença da autonomia das personagens femininas, a problematização do espaço nos enredos, apresentando atuações significativas como espaço-personagem, espaço-conflito e espaço lembrança, e a predominância do cunho memorialista na escrita. A metodologia utilizada é de cunho qualitativo e bibliográfico e o desenvolvimento do texto seguirá as seguintes coordenadas: as inquietações sobre o regionalismo pelos estudos críticos de grandes nomes da nossa tradição crítica brasileira como Antonio Candido (1978), Luís Bueno (2006) e Pedro Dolabela Chagas (2020). Em relação as características do Neorregionalismo estaremos nos embasando na produção escrita nossa denominada *Neorregionalismo Literário Brasileiro: análise de uma nova tendência na literatura brasileira* (2017). Todo esse conjunto de argumentos estarão permeados no diálogo com a obra **Grande sertão: veredas** de Guimarães Rosa (1986). O intuito conclusivo é de ratificar essas primeiras manifestações do Neorregionalismo literário brasileiro a partir desta obra prima de Guimarães Rosa não só no tocante a aspectos descritivos ou enunciativos, mas também no que diz respeito às configurações de obras na contemporaneidade.

2 AS INQUIETAÇÕES SOBRE O REGIONALISMO

Desde as primeiras obras literárias de estética regionalista, a partir do romantismo, tem-se as caracterizações denominativas de produções localistas, com abordagens naturalistas, de apresentações de questões exóticas, de consequências do atraso social e econômico que o Brasil ainda se encontrava, da paraliteratura, da

literatura menor, da literatura de exaltação de pobreza do homem do campo, entre outras menções, o regionalismo não só sobreviveu ao longo décadas nas nossas letras, como também, constitui uma tradição literária de qualidade no nosso país.

Mesmo passando por críticas e estereótipos injustos, a estética regionalista nos trouxe ganhos com Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, e, nos dias atuais, Raimundo Carrero, Francisco Dantas, Maria Valéria Rezende, entre numerosos autores e obras. Mas, devido algumas produções, principalmente na sua origem no romantismo, por desenvolverem produções literárias de qualidade duvidosas e por rivalizar com obras dos grandes centros urbanos ao tornar presente nos seus enredos, personagens oriundos das camadas mais populares do interior do Brasil, essa estética acabou por produzir equivalentes não relacionáveis que provocam em autores contemporâneos certa ojeriza ao serem cortejados como escritores regionalistas, desenvolvendo, até na sua escrita, o incômodo, e, comprometendo um pouco a questão da verossimilhança pela má colocação de um posicionamento forçado no enredo como ocorreu em **Galileia** de Ronaldo Correia de Brito, quando um personagem diz: “- Não existe nada mais fora de moda do que um pensador regionalista”. Se entre os autores a inquietação e/ou incomodo afere, com os críticos literários não será diferente, podemos pegar ao longo da trajetória de um dos nossos maiores estudiosos da Literatura Brasileira: Antonio Candido.

Em textos como *Literatura e Subdesenvolvimento*, Candido irá caracterizar a tida como Literatura Regionalista como um dos traços do nosso desenvolvimento econômico e social, como podemos atestar:

[...] demora cultural. É o que ocorre com o Naturalismo no romance, que chegou um pouco tarde e se prolongou até nossos dias sem quebra essencial de continuidade, embora modificando as suas modalidades [...]. Por isso, quando na Europa o Naturalismo era uma sobrevivência, entre nós ainda podia ser ingrediente de fórmulas literárias legítimas, como as do romance social dos decênios de 1930 e 1940 (CANDIDO, 2006, p. 180).

Acrescenta-se a essa observação o aspecto anacrônico da presença das concepções naturalistas. Em **Formação da literatura brasileira** (2000), Candido divide o Regionalismo em três momentos. O primeiro, durante o Romantismo, em que ele tomou como Sertanismo, e apresenta as faculdades de valorização dos aspectos locais, destacando as produções literárias de Bernardo Guimarães, José de Alencar, Visconde de Taunay e Franklin Távora. O outro período advém do final do século XIX para o XX e tem como caracterização a sobrevalorização do pitoresco sobre a ação humana. Entre os autores deste período estão Coelho Neto, Afonso Arinos, Simões Lopes Neto, dentre outros. Antonio Candido, observa em relação a este momento como, “[...] uma verdadeira alienação do homem dentro da literatura, uma reificação da sua substância espiritual [...] para deleite estético do homem da cidade. Não é à toa que a literatura sertaneja [...] deu lugar à pior subliteratura de que há notícia em nossa história” (2000, p. 267). O terceiro momento é visto como “[...] tomada de consciência do subdesenvolvimento” (CANDIDO, 2006, p. 193).

Destarte, os dilemas sociais do homem do campo passam a compor, com certa qualidade literária, as produções dos autores regionalistas. Da mesma maneira em que ele toma as obras regionalistas como uma elaboração de menor envergadura estética-literária, compostas de maneira mais descritivas em que em vários momentos o pitoresco e o exótico constituíam como elementos das produções literárias, ele acaba por reconhecer os méritos de autores regionalistas como Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, produzindo não só textos analíticos de suas obras, como até mesmo livros como no caso de **Ficção e Confissão** (1992). Como se só isso não bastasse ele acaba sendo um dos principais teóricos para os estudos sobre as configurações do Neorregionalismo literário brasileiro presente nos escritos contemporâneos.

Ao referir-se sobre o regionalismo de Guimarães Rosa em um dos seus textos clássicos contemporâneo com o lançamento da obra, **O homem dos avessos**, presente na obra **Tese e antítese** (1978), ele destaca a genialidade do autor de **Grande sertão: veredas**, uma vez que o autor tomou algo comprometedor da nossa literatura, que seria o aspecto regional marcado pelo pitoresco e exótico, e produziu uma das maiores produções das letras brasileiras. Acrescenta acerca da obra: "(...) jorro de imaginação criadora na linguagem, na composição, no enredo, na psicologia (1978, p. 121). Ainda no reforço dos méritos da produção literária Candido irá nos dizer:

(...) um universo autônomo, composto de realidades expressionais e humanas que se articulam em relações originais e harmoniosas, superando por milagre o poderoso lastro de realidade tenazmente observada, que é a sua plataforma (1978, p. 122).

Não constitui exagero as observações em relação a obra magma de Guimarães Rosa. A forma imaginativa e constitutiva de uma realidade de maneira refrada que mais do que nos faz conhecer um mundo do sertão, nos revela as realidades através da significativa linguagem, das falas das personagens, das descrições dos lugares, da exploração dos sentimentos humanos existentes, dos traços culturais, das nossas diversas dualidades e pluralidades. Assim, **Grande sertão: veredas** é marcada por diversas questões que vão desde das revelações das muitas línguas na nossa mater portuguesa, como também, até dar fala aos sujeitos marginalizadas da nossa tradição literária brasileira, além de universalizar os dilemas e inquietações de personagens representativas de pessoas simples dos sertões brasileiros. Soma-se a essa gama valorativa da produção literária Roseana a marca das fortes tensões em torno da linguagem, dos enredos e até mesmo as peripécias estão atreladas a elas.

Pedro Dolabela Chagas em **Todos eles romances** (2020), dissertará acerca da colocação do romance de Guimarães Rosa em relação as produções do seu momento, a citação é longa, todavia, faz-se necessária:

Em **Grande sertão: veredas** reencontramos os anos de 1950, quando dividiam a cena literária brasileira o existencialismo e as

“literaturas do eu” de Adalgisa Nery, Gustavo Corção, Lygia Fagundes Telles, Carlos Heitor Cony e Clarice Lispector, o “regionalismo” de Bernardo Élis e Mário Palmério (...), a “inovação formal” do concretismo, todos eles lançando-se a um público heterogêneo educado pelo cânone oitocentista, mas que também canonizava o modernismo de 1922 e o “romance de 1930”. Ao dialogar com um campo sincrônico diversificado, buscando a aceitação simultânea de leitores de gostos e predisposições diferentes, a obra de Rosa adensava não apenas a história do romance brasileiro, mas também o seu presente – ela enredava numa única realização elementos de várias literaturas apreciadas sincronicamente pelo público aberto e pelo circuito erudito (2020, p. 73-4)

Destarte, essa significativa capacidade criativa, inventiva e emulativa, promovida por Guimarães Rosa, não apenas iça a nossa literatura nacional, como também, patenteia os equívocos sobre a questão do regionalismo, visto de maneira desacertada como literatura menor de restrição local e de precarização estética literária. Em **Grande sertão: veredas**, apesar de se querer dar outras denominações como supraregionalismo, hiperregionalismo, no sentido de ter ido além do e apesar do regionalismo, é uma obra não só constituída dessa densidade cultural regional, como também, um dos pródromos do Neorregionalismo Literário Brasileiro. O trabalho agudo com a linguagem e suas formas, não no tocante da mera representação de um linguajar de dado lugar, mas sim, das dotações de expressividades que refratam as tradições culturais e produz nos sujeitos e personagens a eticidade de se sentir pertencente a um lugar e não limitado a ele, como se até mesmo os sentimentos fossem possíveis de ser restringidos. Essa eticidade acontece porque nelas são desenvolvidas narrativas que nos referenciam no mundo e nos promove ao conhecimento dele.

Em comparação com as diversas obras tidas como regionalistas, a partir dos anos 30 do século XX até na Literatura Contemporânea não há particularização nas produções de questões de teses e naturalismos. Narra-se com base em culturas que marcam e promovem a singularização das mesmas e não o seu isolamento. Chega até mesmo ser contraditório se destacar William Faulkner como escritor tido como “universal” sendo ele pertencente a uma tradição regionalista americana e se condenar o regionalismo na nossa herança literária.

Os motivos para a manutenção deste pensamento claudicado são vários, desde o desconhecimento das produções fora do eixo Rio-São Paulo, como os embates entre os agentes do modernismo de XXII como o chamado movimento regionalista encabeçado por Gilberto Freyre e José Lins do Rego, à não atualização do pensamento regionalista oriundo do romantismo, o fato de grandes críticos nacionais terem se manifestado contrários ao regionalismo e se criou uma tradição de pensamento crítico que por comodismo ou receio de se oporem, muitos passaram aceitar de maneira acrítica. Como negar a qualidade de autores contemporâneos neorregionalistas como Milton Hatoum, Raimundo Carrero, Ronaldo Correia de Brito, Maria Valéria Rezende, entre outros, e, um pouco antes, como Ariano Suassuna? Guimarães Rosa, através da sua produção literária, nos comprovou que

não existe nada de exótico no Sertão e que ele é apenas mais um mundo como tantos outros, como as das cidades grandes. Assim, todas as inquietações presentes nas personagens sertanejas, do norte e do nordeste, também se fazem presentes nos sujeitos cosmopolitas, como bem demonstra Lourival Holanda em **Sob signo do silêncio**. Como nos diz Riobaldo “Viver é perigoso” não só nos sertões, mas em todo lugar.

Para finalizar essas inquietações sobre o regionalismo literário brasileiro, temos o grande crítico nacional Antonio Candido como mote ilustrativo do que se problematiza, pois há outros teóricos, críticos, que, por questões de restrições textuais de se tratar de um artigo, não iremos nos debruçar para poder melhor atender a hipótese da abordagem, aproveitamos para nesta parte do desenvolvimento das ideias, destacar que não somos os únicos a observar esses azougues, compartilhamos uma das ideias desenvolvidas no livro **Uma história do romance de 30** de Luís Bueno:

(...) Antonio Candido, no início de seu artigo sobre **Terras do Sem Fim**, sintetizou bem esse aspecto. Partindo do princípio de que há uma contradição “entre as estruturas civilizadas do litoral e as camadas humanas que povoam o interior”, faz a seguinte consideração: “Essa dualidade cultural, de que temos vivido, tende, naturalmente, a ser resolvida, e enquanto não for não poderemos falar em civilização brasileira. Tende a ser resolvida econômica e socialmente, no sentido da integração de grandes massas da nossa população à vida moderna” (2006, p.423)

Com base neste pensamento de Antonio Candido, as tensões que marcam a nossa produção cultural entre o litoral e o interior dificulta a consolidação de um processo, como denomina um dos grandes críticos culturais do nosso país, “civilização brasileira”, aproximarmos as concepções pelo viés não só econômico e social, mas sobretudo cultural, reconhecendo a equidade e riqueza dessa nossa diversidade, que requer, por parte de todos, um esforço para superar essas dicotomias e hierarquização de determinadas culturas sobre as outras, e nosso ponto é aceitarmos a significativa produção neorregionalista literária brasileira que nada deixa a desejar na nossa tradição cultural.

3 OS ASPECTOS CONFIGURADORES DO NEORREGIONALISMO LITERÁRIO BRASILEIRO A PARTIR DE *GRANDE SERTÃO VEREDAS*

Inicialmente, é importante evidenciar que, ao se tratar da autonomia feminina em uma produção literária, essa não se encontra necessariamente relacionada apenas a questão de gêneros, nem à estabelecimentos do tipo “apenas autoras mulheres podem oferecer, de maneira representativa, esse aspecto”, não se enquadram também discussões em torno de conquistas históricas, sociais, políticas e econômicas das mulheres, como também, discursos feministas engajados nos

enredos. A questão da autonomia constitui uma das características da tendência literária contemporânea do Neorregionalismo em que desenvolvemos a hipótese de **Grande sertão: veredas** ser um dos pródromos desta vertente literária da atualidade. Destarte, essa autonomia está associada à que foi estabelecida por Candido, Bakhtin e tantos outros teóricos. Diante dos enredos e de maneira geral quando associada a personagem feminina, podemos descrever como a vontade feminina de algo fazer e ser realizado, independente se essa vontade está associada a alguma tradição, costume, ruptura, movimento de enfrentamento à ordem masculina, de diferenciação do que antes faziam, ou mesmo de aceitação de determinadas questões sociais. A vontade da personagem feminina sendo realizada por si.

Luís Bueno, nos estudos sobre o chamado romance de 30 em relação às personagens femininas presentes nas obras, irá nos advertir:

A tranquilidade só parece possível àquelas mulheres porque elas se conformam a uma existência restrita aos papéis que lhes estavam reservados, vivendo sempre à espera do momento de um acerto de contas em que se cobraria exatamente a adequação de suas ações a esses papéis (2006, p. 329).

Desta maneira, seria ingenuidade acreditarmos que as personagens femininas presentes nos enredos dos romances regionalistas dos anos de 1930, estariam determinadas a serem meramente passivas, submissas e coadjuvantes nos enredos em que todos os valores e virtudes estariam na exclusividade masculina. Lembremos que as produções literárias neste período são vistas como, de maneira hegemônica, problematizadoras de questões sociais dentro do cenário literário sem a perda de sua qualidade estética. Seria até um contrassenso e uma incompatibilidade não só com uma das veias constitutivas das produções, como também, com a própria realidade histórica-social em que a presença feminina em luta contra a opressão ao qual ela estava historicamente delimitada afirmar a perda dessa propriedade. Neste diálogo entre o contexto e o texto nos romances sociais não teria como ainda vermos as personagens de maneira tão estagnada. Assim, seria uma ideia simplista e cincada atribuir papéis insignificantes às figuras femininas, por exemplo, apenas como esposa ou prostituta, como nos assegura também Luís Bueno:

É uma espécie de sintoma de que a ficção brasileira, assim criara uma imagem simplificadora e exótica do homem do campo, do pobre, também aprisionara a mulher numa concepção redutora demais. De fato, é muito difícil encontrar textos escritos por homens que, colocando esse tipo de problema no centro temático de sua obra, pelo menos indiquem, como fez Arnaldo Tabayá, que os papéis de prostituta e de esposa não dão conta da figura feminina a essa altura do campeonato – se é que deram em alguma ocasião (2006, p. 301-2).

Poderíamos pegar diversas personagens para ilustrar essa situação de não total assujeitamento ao homem, por exemplo, Sinhá Vitória em **Vidas secas** de Graciliano Ramos, nessa personagem é possível observar, dentro dos limites da narrativa, uma fala esclarecedora e mais articulada do que a de Fabiano, a ela se encontra a capacidade, mesmo que precária, de leitura e de domínio das contas. Nela se registra os sonhos e desejos de algo a mais do que aquela vida peregrina, almeja o mínimo de conforto/dignidade. O que nos dizer então da personagem Conceição de **O Quinze** de Rachel de Queiroz que tem uma visão, no dizer de Luís Bueno, perscrutadora em relação ao seu próprio papel social e humano. Portanto, não ter uma visão restritiva sobre as personagens femininas nas produções literárias deste momento é conjugar com a ideia equivocada que as obras deste período são frutos de uma estética naturalista tardia.

Importante nos atermos a esta ideia de Luís Bueno “(...) foi uma literatura social não apenas no sentido econômico do termo, que remete à luta de classes, mas também na figuração dos papéis e funções destinados à mulher” (2006, p. 327), destarte, se a mulher não se encontrava mais tão submetida às lutas por igualdade e reconhecimento social como as obras que contestavam tanto desmandos de exclusão iriam se furta a essas injustiças? Realizaria o mesmo viés que se opunham?

Em **Grande sertão: veredas** destacaremos três personagens: a primeira delas, que apenas no final saberíamos ser Maria Deodorinha da Fé Bettancourt Marins, que como bem descreveu Riobaldo “(...) nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo (...)” (1986, p. 535), e por essa razão a conhecemos em principio como Reinaldo e depois em confiança revelado a Riobaldo ‘Diadorim’, as outras personagens são Otacília e Maria Mutema. Cada uma delas exerceu a sua autonomia dentro da narrativa, mesmo sob a narrativa memorialista de Riobaldo. Na realização do “contar” essas histórias não tirou delas as manifestações dos seus desejos e vontades.

Antonio Candido irá destacar Diadorim ser “(...) experiência reversível que une fasto e nefasto, licito e ilícito, sendo ele próprio duplo na sua condição” (1978, p. 125), esse mesmo personagem quando menino, nas lembranças de Riobaldo na angustia de um possível perigo, irá lhe dizer: “- Carece de ter coragem. Carece de ter muita coragem...’ – ele me moderou, tão gentil” (1986, p. 91), essa marca estará constituída em Diadorim desde o primeiro encontro com o Riobaldo até o momento em que ele a perdeu de vista quando partiu para vingar a morte do pai Joca Ramiro no traidor Hermógenes. Não da virtude Diadorim era tomado, também da lealdade:

E foi ele mesmo, no cabo de três dias, quem me perguntou: - “Riobaldo, nós somos amigos, de destino fiel, amigos?” – “Reinaldo, pois eu morro e vido sendo amigo seu!” – eu respondi. Os afetos. Doçura do olhar dele me transformou para os olhos de velhice da minha mãe (1986, p. 127).

Mesmo sob disfarce de jagunço, Diadorim apresentava sua autonomia em estar no meio deles e provar ser tão capaz quanto todos, independentemente de ser

mulher, pois apenas na aparência masculina estava a sua simulação, uma vez que internamente residia as mesmas ternuras que uma mulher pudera sentir por outra pessoa, no caso, o jagunço Riobaldo. Dentre outras atribuições do ser mulher na fachada de sertanejo homem, temos a capacidade de melhor discernimento, devido se atribuir à mulher uma maior percepção de pequenas coisas: “Diadorim, sempre atencioso, esmarte, correto em seu bom proceder. Tão certo de si, ele repousava qualquer mau ânimo” (1986, p. 161). Em outro momento, na fala ponderada de um conselho que tinha como propósito Riobaldo não entrar em atrito com Hermógenes: “Diadorim notou; me deu conselho: - ‘Modera esse gênio que você tem, Riobaldo. As pessoas não são tão ruins agrestes’. - ‘Dele não me temo!’ - eu respondi” (1986, p. 162). Possivelmente, Diadorim não confia tanto assim em Hermógenes para mencionar isso, mas queria sobretudo que Riobaldo não entrasse em disputa com um sujeito tão perigoso.

Por causa desses afetos tão incomuns entre jagunços que Riobaldo se inquietava, como podemos atestar em uma das diversas menções que ele faz mediante a este dilema:

Digo, porque até hoje tenho isso tudo do momento riscado em mim, como a mente vigia atrás dos olhos. Por que, meu senhor? Lhe ensino: porque eu tinha renegado, renegado Diadorim, e por isso mesmo logo depois era de Diadorim que eu mais gostava. A espécie do que senti. O sol entrado (1986, p. 168).

Riobaldo não poderia aceitar tal sentimento, pois iria contra a sua própria natureza, como ele chega admitir:

“Se é o que é” - eu pensei - “eu estou meio perdido...” Acertei minha ideia: eu não podia, por lei de rei, admitir o extrato daquilo. Ia, por paz de honra e tenência, sacar esquecimento daquilo de mim. Se não, pudesse não, ah, mas então eu devia de quebrar o morro: acabar comigo! - com uma bala no lado de minha cabeça, eu num átimo punha barra em tudo. Ou eu fugia - virava longe no mundo, pisava nos espaços, fazia todas as estradas (1986, p. 255).

Durante toda a narrativa esse afligir foi uma das tônicas, não só de Riobaldo, como também, de Diadorim, pois ao tempo que buscava confirmar com firmeza autônoma de coragem, determinação e de estar entregue à vida de jagunço por querer e não por imposição seja de quem for, também se inquietava com Riobaldo com outras mulheres como Otacília:

- “Riobaldo, você está gostando dessa moça?”
Aí era Diadorim, meio deitado meio levantado, o assopro do rosto dele me procurando. Deu para eu ver que ele estava branco de transtornado? A voz dele vinha pelos dentes.

- “Não, Diadorim. Estou gostando não...” – eu disse, neguei que reneguei, minha alma obedecia.
 - “Você sabe do seu destino, Riobaldo?”
 Não respondi. Deu para ver o punhal na mão dele, meio ocultado. Não tive medo de morrer. Só não queria que os outros percebessem a má loucura de tudo aquilo. Tremi não.
 - “Você sabe do seu destino, Riobaldo?” – ele reperguntou. Aí estava ajoelhado na beira de mim.
 - “Se nanja, sei não. O demônio sabe...” – eu respondi. – “Pergunta...”
 (1986, p. 169)

Como uma narrativa em primeira pessoa não seria possível Riobaldo conhecer a fundo os sentimentos de Diadorim. Talvez, se não tivesse acontecido a morte do seu pai Joca Ramiro, Diadorim não acabasse de vez com esse acosar e revelasse seus sentimentos e sua identidade feminina autônoma, como chega a narrar a fala de Diadorim “- ‘Riobaldo, hoje-em-dia eu nem sei o que sei, e, o que soubesse, deixei de saber o que sabia...” (1986, p. 471), e em outro momento: “ – ‘Menos vou, também, punindo por meu pai Joca Ramiro, que é meu dever, do que por rumo de servir você, Riobaldo, no querer e cumprir...” (1986, p. 472). Com esses fragmentos a nossa hipótese diante da autonomia feminina é incorporada à Diadorim, visto que caso não tivesse ocorrido as intempéries em relação ao seu pai, seria possível Diadorim se harmonizar e selar a vida com Riobaldo ao revelar a sua natureza de mulher jagunça.

Dentre as outras mulheres presentes na obra que trazem também essa autonomia feminina podemos elencar Otacília. Ela goza deste perfil desde as primeiras descrições de Riobaldo: “Conheci que Otacília era moça direta e opiniosa, sensata de muita ação” (1986, p. 167). Essa postura se manteve até o final da narrativa quando ela se depara com Riobaldo ainda marcado pela tristeza pela perda de Diadorim. Otacília, de maneira admirável e por vontade própria, toma para si a espera e a cicatrização da alma de Riobaldo e torna-se a sua esposa como tanto desejara.

Outro elemento configurador do Neorregionalismo Literário Brasileiro advém na questão do espaço. Nos enredos ele não se apresenta apenas como um elemento de composição da narrativa de maneira estagnada e meramente descritiva. Não são poucas as vezes que Riobaldo faz menção ao Sertão não como mero lugar onde se encontra, mas onde as vivências são desenvolvidas e as travessias vão constituindo os sujeitos. Em muitos momentos o sertão não era externo às personagens, mas habitava em suas subjetividades, em seus seres. Destarte das diversas modalidades de estudos sobre o espaço, no Neorregionalismo encontramos os espaços-lembranças, espaços-personagens e espaços-conflitos (Brito, 2017). Em **Grande sertão: veredas** nos deparamos com os dois primeiros.

Assim, tanto em **Grande sertão: veredas** quanto nas obras neorregionalistas contemporâneas são problematizados e também subjetivados. Na obra de Guimarães Rosa, isso acontece desde do começo, quando Riobaldo diz ao seu interlocutor “O sertão está em toda a parte” (1986, p. 1), portanto, não constitui algo físico, externo, à parte, ele se encontra em cada indivíduo, independente, das limitações geográficas. O espaço do Sertão é internalizado porque é formado por

travessias de vivências, em que sentido, vida, espaço, sertão, sujeito, passam a constituir-se em uma só experiência. Sendo assim, podemos substituir, sem qualquer prejuízo, os anúncios: “viver é negócio muito perigoso...” (p.3); “Viver é muito perigoso...” (p. 17); “Viver é um descuido prosseguindo” (1986, p. 57), por qualquer outro elemento como sertão, sujeito, que não teremos alterações de significados no âmbito da narrativa, pois todos se encontram no mesmo nível e são unos.

Interessante percebermos, como dissemos acerca Neorregionalismo Literário Brasileiro que:

A construção do espaço se dá pelo diálogo entre o sujeito, as subjetividades e memórias que marcam o lugar através das suas manifestações culturais. Nessa interatividade das partes, os elementos de identificação e, conseqüentemente, de pertencimento se fortalecem e dão sentidos às coisas (BRITO, 2017, p. 112)

Essas subjetividades que fazem o espaço não se constituir como um elemento externo distancia ainda mais a expressão equivocada das abordagens regionalistas na literatura serem anacrônicas ao estarem ligadas a um Naturalismo tardio, pois em nenhum dos enredos o espaço atua de maneira determinista e apenas física, como podemos atestar em **Grande sertão: veredas** nas seguintes passagens: “A gente tem de sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta dele a dentro...” (1986, p. 243), em outro momento “Serão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor de todos os lados. Serão é quando menos se espera; digo” (1986, p. 249). A internalização do sertão produz em seus sujeitos o sentimento de pertencimento e constitui a sua identidade que não é estagnada mesmo para os sujeitos simples representados nas obras (neor)regionalistas. No enredo de Guimarães Rosa temos as alterações das personagens: Riobaldo, Diadorim, Zé Bebelo, dentre outros. Isso demonstra a dinamicidade não só da narrativa, mas das suas identidades também. Com isso, o espaço também vai adquirindo novas configurações no interior das personagens.

Guimarães Rosa realiza através das falas das personagens questionamentos para aqueles que veem o sertão como algo ruim ou restritivo, exemplificamos em passagens nas falas de Riobaldo em interlocução com o receptor das suas narrativas: “Agora o mundo quer ficar sem sertão” (1986, p. 252); “Jagunço é o sertão” (1986, p. 272); em outro momento: “- ‘O sertão é bom. Tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado...’ ele se Ornelas dizia – ‘O sertão é confusão em grande demasiado sossego...’” (1986, p. 400). O mundo é, portanto, o sertão e o sertão é o mundo não são apenas expressões esvaziadas de sentidos, mas repleta de significados e realidades que não ficam demarcadas diante de estereótipos ou limites geográficos.

Outro elemento constituidor do Neorregionalismo Literário Brasileiro se encontra na questão da memória. As narrativas em sua maioria são compostas de tons memorialistas. Mesmo quando narrados em 3ª pessoa, a presença dos elementos constitutivos de aspectos referentes à memória estão presentes. Vale ressaltar ainda, a impossibilidade de desvincularmos memória de identidade e identidade de memória. As duas são coexistentes e unas, como também, a narrativa.

Dessa forma, memória, narrativa e identidade são interdependentes tanto nas suas formações quanto no desenvolvimento dos enredos neorregionalistas, pois elas exalam os elementos culturais das regiões sem serem restritivas a locais e não perdem o diálogo, os sentimentos e a presença nos dilemas universais.

Desta maneira quando Riobaldo refere-se ao sertão com o seu interlocutor por: “Então era só eu? Era. Eu, que estava mal-invocado por aqueles catrumanos do sertão. Do fundo do sertão. O sertão: o senhor sabe (1986, p. 343). Ao expressar-se “o senhor sabe”, Riobaldo demonstra que o seu interlocutor, apesar de não ser daquela região, saberia reconhecer os incômodos aos quais ele se referia, pois os sentimentos dos sertanejos não são desprovidos dos mesmos de outros habitantes seja qual for a região. O que os aspectos trazem são apenas singularidades marcadas pelas diversidades culturais e não marcas de inferioridade cultural ou de refreamentos de subjetividades movida por incapacidades materiais.

A memória para as produções literárias neorregionalistas, assim como também para uma das primeiras obras a manifestar esses aspectos que é **Grande sertão: veredas**, é desenvolvida nas narrativas para se referenciar culturalmente e historicamente os sujeitos e assim permitir a eles singularidades identitárias que os distanciam de uma padronização cultural tão em voga no mundo globalizado, pós-moderno, de modernidade tardia, de modernidade líquida, de alta modernidade..., a memória, através da narrativa, compartilha experiências e torna a compreensão do mundo mais significativa pela pluralidade, como bem descreve Riobaldo: “Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca... O senhor crê na minha narração?” (1986, p. 518). Assim, vive-se quem se toma para ação e para quem escuta outras ações e com elas se identifica e se constitui.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esse itinerário produtivo procuramos desenvolver a nossa hipótese de que a obra **Grande sertão: veredas** de Guimarães Rosa constitui uma das primeiras obras a apresentar as características do Neorregionalismo Literário Brasileiro tão em voga na Literatura Brasileira Contemporânea. Elementos configuradores desta tendência como autonomia das personagens femininas, o espaço problematizado e internalizado nas personagens e, coparticipe do enredo, a memória como motor constitutivo das narrativas e elemento de composição identitária e de referência através das manifestações culturais presentes, são revelados na narrativa. Demonstramos textualmente esses elementos na obra de Guimarães Rosa e promovemos o diálogo com as produções contemporâneas onde esses aspectos caracterizam uma das tendências da Literatura Brasileira de hoje.

Acreditamos que com os pontos que levantamos e desenvolvemos, podemos contribuir para a fortuna crítica em torno de **Grande sertão: veredas**, como também, para a compreensão das produções literárias hodiernas.

Referências

- BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo: Editora da USP; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CANDIDO, Antônio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- CANDIDO, Antônio. **Recortes**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.
- CANDIDO, Antônio. **A educação pela Noite**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- CHAGAS, Pedro Dolabela. **Todos eles romances: a variação do gênero no Brasil, 196-1980**. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Para citar este artigo

BRITO, H. B. de O. Os pródromos do neorregionalismo literário brasileiro a partir de Grande sertão: veredas de Guimarães Rosa. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 1, 2021, p. 140-153.

Os Autores

HERASMO BRAGA DE OLIVEIRA BRITO é docente do quadro permanente da pós-graduação stricto sensu em Letras da Universidade Federal do Piauí, Coordenador do curso de Letras Português do campus Josefina Demes - Floriano (PI), professor Adjunto II, com Dedicção Exclusiva, pela Universidade Estadual do Piauí. Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí (2003), graduação em Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Federal do Piauí (2004), Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Santo Agostinho (2005), Especialista em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2008), Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí (2008), Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2016) e Pós-Doutorando em Filosofia Contemporânea com a pesquisa: *Hermenêutica e Narrativa: a teoria da narrativa na filosofia de Paul Ricoeur* pelo programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí. Líder do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Neorregionalismo, Imaginário e Narratividade (NENIN), membro do grupo *Hermenêutica filosófica em Paul Ricoeur: investigação de um pensamento em movimento* (UFPI) e do grupo TOPUS - Grupo de Pesquisa sobre Espaço, Literatura e outras Artes (UNB), registrados no Diretório de Pesquisas do CNPQ. Coordenador de Área do Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência - PIBID/UESPI. Membro da equipe de Coordenação Adjunta do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) - Literário, da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. Avaliador do Sistema Nacional de Avaliação da

Educação Superior (Inep). Avaliador de livros Didáticos pelo MEC e de revistas acadêmicas. Atua como Crítico Literário em revistas e jornais. Faz parte do corpo editorial da revista eletrônica dEsEnrEdoS (ISSN 2175-3903). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, atuando principalmente nas seguintes linhas: Literatura Brasileira (Neorregionalismo, Literário Brasileiro, Ecce Homo Fictus e Romance Histórico), Teoria Literária (estudos da narratividade e mímeses), Literatura Comparada (diálogos entre Literatura e Cinema; Cinema Regionalista e Neorregionalista; Literatura e História) e Literatura e Filosofia (Paul Ricoeur, Alasdair MacIntyre e Walter Benjamin). Tem experiência nas áreas de História, Literatura: Teoria e Crítica, Produção Textual e Cinema.